

## **O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE E O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NESTE CONTEXTO**

LUCIANA DE FREITAS GOMES, FERNANDA DIAS COELHO, PEDRO HENRIQUE BERBERT DE CARVALHO E MARIA ELISA CAPUTO FERREIRA

Laboratório de Estudos do Corpo da Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.  
lucianafgomes@hotmail.com

### **INTRODUÇÃO**

Historicamente o corpo é tido como um importante instrumento de significação (LE BRETON, 2006) Neste sentido percebe-se uma alteração na forma como o corpo é visto e manifestado ao longo dos anos, dependendo entre diversos fatores, da cultura em que se encontra inserido.

Sendo assim, a cultura de cada sociedade é expressa no corpo e pelo corpo, onde a atuação deste e neste influencia toda a coletividade a qual pertence. É de suma importância observar o homem como agente e produto do meio em que faz parte (DAÓLIO, 2001). Portanto, pode-se ressaltar que é desejado pela sociedade um corpo cultural, conforme explicado por Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss (2003), que esteja impregnado de valores sociais ajustados ao local onde estiver inserido, o corpo será a superfície dessa cultura. Este não pode ser visto de forma isolada, pois conforme Morin (1996) o corpo é produto e produtor da sociedade, estando sempre em constante processo de modificação em relação a nós mesmos, aos outros e a sociedade como um todo, influenciando e sendo influenciado por esta.

Nota-se ao longo do tempo uma diferença na forma com que o corpo vem sendo vivido, servindo como palco para grandes investimentos tecnológicos. Percebe-se que este vem sendo transformado por várias obrigações corporais que muitas vezes vão além de sua condição fisiológica, na busca do corpo ideal (FRAGA, 2001). Observa-se hoje em dia, uma exagerada preocupação com a busca do corpo esteticamente perfeito e que se enquadre num padrão aceito pela sociedade. Ultimamente o corpo malhado, conforme menciona Silva e Gomes (2008) é ícone da sociedade contemporânea sendo, portanto vendido como objeto de consumo, inspirado na beleza aparente do corpo. Costa e Venâncio (2004) enfatizam a prática de atividade física como uma importante ferramenta para manutenção e preservação da boa forma almejada. Sendo assim, estando a Educação Física inserida neste contexto, torna-se relevante observarmos os diferentes aspectos ligados a esta busca desenfreada pelo arquétipo almejado e a responsabilidade deste profissional nesta conjuntura.

### **O SIGNIFICADO DO CORPO NA HISTÓRIA**

Com a passagem do sistema econômico do feudalismo para o capitalismo, diversas mudanças ocorreram no contexto da sociedade. Em meados do século XV, com o Renascimento europeu, a ordem feudal entra em segregação para dar lugar a ordem capitalista. Na esfera do pensamento filosófico, a ruptura com o feudalismo significou o declínio do paradigma cosmocêntrico-teocêntrico, no qual o homem era visto como apenas mais um ser, submisso à ordem natural do Cosmo e pertencente a Deus. Com a modificação deste olhar, na qual o sentido das coisas começa a ser constituído pela consciência intencional do sujeito, inicia-se um pensamento em favor de uma visão antropocêntrica (COELHO; SEVERIANO, 2007). Neste sentido, ainda de acordo com estes autores a ciência também avança, provocando a dessacralização do corpo. O ser humano passa a ser fonte de estudo, havendo um aumento do interesse sobre o corpo (SILVA, 2001). Este objeto, antes intocável, e fonte de muitos segredos divinos, começa a ser analisado por diversos pesquisadores. Versálio, Harvey, Da Vinci e Descartes são os primeiros pesquisadores da anatomia do corpo humano. De acordo com Descartes (apud COELHO; SEVERIANO, 2007) o corpo é pura matéria, equiparando-se a uma máquina, pouco diferindo do corpo do animal, tornando-se

mero apêndice da mente, buscando a verdade e construindo a ciência. Este autor separou radicalmente as dimensões corpo e alma, avançando assim na produção científica nos estudos do corpo. (SILVA, 2001)

No século XIX o corpo na Educação Física era baseado no intuito militar, na busca de um corpo saudável (COSTA; VENÂNCIO, 2004). Neste período o Brasil passava por um processo de desenvolvimento, precisando de indivíduos fortes e saudáveis para servirem como mão de obra. Conseqüentemente a Educação Física foi representada neste período como um elemento chave para o alcance destes corpos ideais, que eram de suma importância para o avanço das relações capitalistas. Nesta época, era grande a influência da medicina nesta área de atuação, por conseguinte quase todas as produções científicas relacionadas à prática de atividades físicas eram ligadas a estes profissionais (SOARES, 2005). Observava-se ainda, além da influência dos médicos, a forte influência dos militares. Sendo estes relacionados à execução dos exercícios e aqueles a função intelectual (GRANDO, 1996). O objetivo da Educação Física no século XIX era aproximar o corpo a um padrão supremo de produtividade, sendo que as políticas nacionais da época faziam da prática de atividades um dever patriótico (COELHO; SEVERIANO, 2007).

Com a transição do feudalismo para o capitalismo, ocorre uma transformação de proposições filosóficas mecanicistas sobre o corpo, impondo um novo regime de corporeidade. Este agora é visto como um objeto capaz de produzir e servir ao Estado. Enquanto no sistema feudal existiam as comunidades e cooperativas trabalhando com o sistema de trocas, no capitalismo libera-se o trabalhador para vender a sua força de trabalho, portanto, o corpo do indivíduo é livre, “individualismo-máquina” (Id., 2007, p.86).

Com a Revolução Industrial em 1750 e o avanço das tecnologias de produção, o corpo do trabalhador começa a ser exigido como peça principal para a produção das indústrias capitalistas. Diante dessas exigências, algumas cobranças começam a ser feitas sobre estes. Segundo Foucault (2000), as potências dissipativas e subversivas dos corpos começam a ser vigiadas e administradas para que não coloquem em risco a extensa rede de poder que os captura. A esse movimento caótico de turba de corpos vem acoplar-se todo o sistema de vigilância contínua e minuciosa, um olhar panóptico que vigia, recompensa, pune e disciplina (FOUCAULT, 1987). Segundo Vaz (2006), o sistema capitalista visava poupar o corpo para produção, já que este era tido como força de trabalho. Sendo assim, era enfatizado neste período que o indivíduo devia lutar contra as tentações momentâneas e pensar no planejamento do futuro.

Para que a produção não entrasse em declínio, surge a necessidade da tomada de certos cuidados com o corpo, que envolviam sua perfeita condição de saúde. Em consequência disso, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, as grandes metrópoles são influenciadas pelas iniciativas da medicina higiênica e seus grandes planos de intervenção sanitária, com o intuito de “esterilizar” todo o corpo social de possíveis elementos que poderiam comprometer à saúde pública (COELHO; SEVERIANO, 2007, p.89). Foucault (2000) nomeia este fenômeno como biopoder, explicando que a política médica começou a entrar em vigor como forma de educar o indivíduo, além disso, começou a ser reconhecida como prática de interesse do Estado. A prática médica não era simplesmente concebida como uma forma de intervenção, mas também para definir regras, saberes e maneiras de viver com o próprio corpo, as diferentes atividades e o meio. Neste sentido, a medicina tinha a função de propor, sob forma de um regime, uma estrutura voluntária e racional de conduta (FOUCAULT, 2000).

Além disso, com o avanço da medicina criou-se uma forma de dependência do indivíduo, manifestada através das investidas dos médicos que exerciam poder de cura sobre seus corpos. Dessa forma, “o médico se torna o grande conselheiro e o grande perito, senão na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o corpo social e mantê-lo em permanente estado de saúde” (FOUCAULT, 2000, p. 203).

Assim como determinadas práticas médicas foram adotadas como práticas higienistas e de controle do corpo, a Educação Física, também foi utilizada como forma de gerar e

aperfeiçoar o caráter forte e saudável para a produção industrial (SOARES, 2005). Foi durante o século XIX na Europa, que a ginástica científica se afirmou como parte significativa das novas condutas de civilidade e se desvinculou do exercício físico militarista. A partir da atividade física, buscava-se uma pedagogia portadora de normas e condutas (Id., 2005).

Os avanços das pesquisas na área da ginástica fizeram com que esta possuísse maior respaldo diante da sociedade. Tais vínculos com a ciência justificavam que a ginástica era capaz de instaurar uma ordem coletiva. O Movimento Ginástico Europeu foi construído a partir desses preceitos e com os objetivos de ordem e disciplina coletiva que poderiam ser potencializados (SOARES, 2005). Foucault (2000) justifica tal atitude do Estado afirmando que neste período houve a descoberta do corpo como objeto e alvo e poder, aquele corpo que pode ser manipulado, modelado, treinado, obediente e habilidoso.

### **O CORPO COMO OBJETO DE CONSUMO**

Coelho e Severiano (2007) afirmam que durante a década de 1960, diversas transformações afetaram a sociedade, caracterizando o deslocamento da modernidade para a pós-modernidade. O avanço das tecnologias capitalistas foi um dos grandes marcos que transformou a sociedade atual. O desenvolvimento de novas tecnologias de produção e fábricas criou a necessidade do escoamento das mercadorias, criando-se assim um constante mercado consumidor. A crise de superprodução nos países mais industrializados também acarretou diversas transformações no modo de produção capitalista. Portanto, a “educação para o consumo”, ao contrário do passado baseado no ato de poupar passou a ser incentivada pelo ato de consumir (Id., 2007, p.89). Através da indústria cultural e da publicidade tal educação foi concretizada tendo como grande aliada a globalização

Portanto Coelho e Severiano (2007) fazem alguns questionamentos sobre a forma como o corpo é tido na pós-modernidade, momento considerado de ruptura histórica. Segundo estes autores, percebe-se neste século uma reapreciação dos sentidos de corpo, sociedade e cultura. Não se é exigido atualmente corpos que sirvam para condição de produtor, entretanto a sociedade capitalista precisa que a relação de venda e consumo continue funcionando. Sendo assim propaga-se atualmente na sociedade que cada pessoa se coloque a serviço do próprio corpo, adquirindo os mais diversos produtos para o bem estar deste. O corpo desta forma modificou-se de “corpo-produtor” para “corpo-consumidor” (Id., 2007, p.91), transformando-se hoje em uma rentável fonte de investimento. Estes autores com o objetivo de compreender os diferentes padrões corporais presentes no modo de produção capitalista enfatizam ainda, que seja o corpo consumidor ou produtor, será sempre este regime o fio condutor das análises e formas de controle deste nas sociedades ocidentais.

Norbert Elias (1994) pensa na forma como o corpo adéqua-se a civilização, onde a espontaneidade foi substituída por padrões a serem seguidos. Este é o tempo todo controlado com a finalidade de se conter os repentes em busca do maior desenvolvimento da humanidade. “O corpo entra no mercado como capacidade de consumir e ser consumido” (VAZ, 2006, p.42). O consumo passou a ser uma atividade que promove prazer e não como uma forma de suprir suas necessidades. De acordo com este autor o corpo consome principalmente a si próprio, sendo divulgada a idéia de “consumir sem se consumir”, sendo este um modo de padronizar o comportamento valorizando o autocontrole (Id., 2006, p. 43-60).

No campo da saúde Sant’anna (2001a), afirma ter ocorrido o “novo higienismo” iniciado em 1980 pela “geração saúde”. Através do bombardeamento de produtos *diets* e *lights* e de toda uma série de alimentos polivalentes como, comidas enriquecidas, complexos vitamínicos, suplementos metabólicos e alimentos-cosméticos. Além disso, as academias, clínicas estéticas e *spas* são empresas que pregam uma oferta terapêutica massiva ao corpo para que este sinta diversos prazeres, conforto, juventude, afastando-o do *stress* e todos os outros males relacionados à sua saúde.

A beleza começa a ser vista como fronteira entre saúde e doença, ou seja, a aparência de bem-estar físico, denominada como aptidão (BAUMAN, 2001), substitui os diagnósticos

médicos. Lucas e Hoff (2006), afirmam que com a passagem da disciplina para o poder, novas estratégias de biopoder são inventadas partindo-se de um discurso médico-científico responsabilizando o indivíduo pela sua saúde. Além disso, realizando uma análise do discurso publicitário, os mesmo autores, percebem nas entrelinhas publicitárias um redimensionamento dos conceitos de saúde, doença e corpo.

## **O AVANÇO DA INDÚSTRIA DO CORPO E O PAPEL DA MÍDIA NESTA CONJUNTURA**

Observa-se que as modificações usadas no século XVII para melhorar a aparência corporal eram somente pousadas sobre o corpo, como os espartilhos que tinham o objetivo de afeição as formas. Atualmente estas modificações são feitas de dentro para fora, através de várias intervenções modeladoras. Se antes se buscava boas maneiras e posturas, atualmente valorizam-se os vigos (BETTI, 2001).

Uma análise sobre discurso publicitário a respeito do “corpo saudável” feita por Lucas e Hoff (2006, p.97), comparou os anúncios da década de 20 e dos dias atuais. Os autores perceberam que em 1920 o corpo saudável nos anúncios eram corpos robustos, corados e gordos. Naquele período os cosméticos e medicamentos prometiam a cura como benefício. O corpo, ao receber o que faltava ou o que causava a doença, realizava o processo de cura naturalmente. Nascer, crescer, envelhecer e morrer eram etapas naturais e inexoráveis as quais o corpo deveria passar.

Ferreira e Guimarães (2006) apontam para a forma como, na atualidade, há um deslocamento da busca pela saúde para a busca pela beleza, de modo que a imperfeição concentra-se na forma e aparência, ou seja, o corpo deve se aproximar dos modelos expostos na mídia para se legitimar como belo e saudável. As imagens dos corpos apresentados na publicidade atual são idealizações, distantes dos corpos naturais, são apenas representações de perfeição. Os cosméticos atuais prometem a longevidade e juventude, indo contra a ordem e ao processo natural da vida.

Segundo Fernandes (2003, p.1), “O corpo está em alta!”. Para a autora, na pós-modernidade, a imprensa tem demonstrado um grande interesse pelas questões que envolvem o corpo, podendo ser verificado através da imensa quantidade de reportagens em nosso cotidiano envolvendo este tema e suas relações com a saúde. Desta forma, a saúde virou objeto de consumo e as formas de “ter” saúde tornam-se produtos de venda (COELHO; FONSECA, 2007, p. 66).

Observa-se, segundo Vaz (2006) que uma das indústrias que mais cresceu nos últimos trinta anos foi a farmacêutica, com o intuito de vender juventude, beleza e bem-estar. Este autor afirma que o corpo consome principalmente a si mesmo, e na atualidade o que se vende é a possibilidade de estar vivo e belo. A nova política médica, através da engenharia genética, da imunologia, da cirurgia plástica entre outras técnicas científicas, começaram a habitar o campo da liberdade do indivíduo sobre seu corpo. No entanto, entra em questão o limite entre ética e liberdade.

Para Santana (2002) corpo, tecnologia e mundo são três pilares que se encontram em constantes trocas de informações que influenciam e são influenciadas respectivamente. Sendo a tecnologia um destes pilares, podemos citar como exemplo de forte influência, a mídia. Nela podemos observar uma constante presença do corpo modelo, dito saudável e belo, mas muitas vezes inatingível, o que nos chama a atenção e nos faz lançar um olhar crítico sobre a mesma. Se fizermos uma observação atenta, notaremos que esta possui diversas formas de manipular o corpo e torná-lo objeto de consumo. É normal observarmos em sua programação receitas fáceis e imediatas para o alcance do corpo idealizado pela população. Dicas de como se alimentar melhor, usar corretamente os cosméticos, de praticar atividade física para se obter a maior queima calórica são comuns em suas apresentações. Assim sendo, devemos demandar maior atenção para a forma como a mídia controla o discurso do corpo, através desta prescrição de receitas para a saúde (Id., 2004).

Esta crescente preocupação com a forma física, nos dias atuais parece estar mais ligada aos padrões difundidos pela mídia do que às recomendações médicas de saúde propriamente dita (SILVA; GOMES, 2008). O corpo antes restrito aos espaços íntimos, hoje são representados a todo o momento no ambiente público. É comum observarmos o aumento do interesse sobre este nos diferentes meios de comunicação, através de diversas reportagens, sendo ele o protagonista (FERNANDES, 2003).

A mídia é uma das fontes de transmissão de símbolos que são entranhados nos sentidos do mundo atual e uma das responsáveis pela difusão das técnicas de modificações corporais na busca do belo (VAZ, 2006). Os corpos que se diferenciam desta imagem ideal só são interessantes à mídia se forem usados como exemplo a não ser seguido. Enquanto os que se assemelham ao padrão são considerados símbolos de domínio, melhor classe social e maior poder aquisitivo. “Quanto mais próximo o corpo estiver da imagem ideal, mais alto será seu valor e poder” (COSTA; VENÂNCIO, 2004, p.64). A beleza tornou-se um bem a ser adquirido, sendo diretamente proporcional ao poder financeiro de cada um (SANT’ANNA, 2001).

## **REFLEXÃO SOBRE O CORPO NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

A atividade física relacionada à “saúde” também entra nesta mesma linha de raciocínio. Através da padronização dos corpos realizada e divulgada pela mídia e meios de comunicação, o exercício físico acaba se tornando outra forma de alteração corporal. Betti (2001, p.156) aponta a importante influência da mídia no direcionamento de tendências da cultura corporal do movimento, com repercussões sobre a Educação Física. Além disso, Betti (2001, p. 157), explica que a mídia inicia um novo discurso sobre a cultura corporal do movimento, provocando um “confundimento” ou “entrelaçamento” entre os modelos de estética corporal e o modelo de saúde e aptidão física. Tal fato pode ser percebido através de anúncios de revistas relacionando beleza, saúde, atividade física e dieta. Costa e Venâncio (2004), neste mesmo sentido, verificaram que a mídia, de forma massificada, ressalta a imagem do corpo saudável e belo, como forma de constituir uma identidade. Os autores explicam que estamos voltando a era narcisista, valorizando a imagem corporal da jovialidade, beleza e saúde.

Hoje em dia, conforme Betti (2004) não basta somente exercícios e dieta para busca do corpo idealizado, mas também intervenções cirúrgicas, como a plástica, lipoaspiração, próteses e outras. Esta ideia desencadeia outras perspectivas e apresenta, conforme mencionado anteriormente, um amplo mercado em expansão. Este influencia diretamente na forma como o corpo é visto e trabalhado na Educação Física, cabendo ao profissional fazer o papel de mediador entre o que pode e o que deve ser feito.

O corpo, segundo Grando (1996, p.97) é tema de estudo em diversas áreas, muitos destes são usados para contribuir na busca do padrão ideal. São feitas diversas pesquisas com o intuito de se atingir corpos mais “fortes” e “saudáveis”. Sendo este e aquele colocado entre aspas pelo autor, com o intuito de problematizar sobre em que aspectos estas palavras podem definir o objetivo legítimo a ser atingido. Esta busca exacerbada da melhora física condiz com o modelo irreal de corpo-máquina. O autor faz outras críticas sobre limitações encontradas nas pesquisas com este tema, entre elas podemos citar o corpo pensado separado da cultura na qual está inserido e como fruto de relações sociais de categorias com maior poder aquisitivo.

As academias de ginásticas, que deveriam ser vistas como locais para a prática de atividade física visando a saúde, segundo Hansen e Vaz (2006) são os locais onde o culto ao corpo pode ser mais bem entendido e manifestado. Como exemplo, podemos citar uma nova modalidade esportiva encontrada nas academias de ginástica, o *body building*. Segundo Soares (2001), esse novo esporte trata-se de uma disputa através da exposição estática do corpo, onde aquele que possui o corpo mais hipervolumoso leva o título de campeão. Nas palavras de Courtine (1995) pode-se perceber como a ideia do corpo “super-musculoso” confronta com a real utilidade do músculo para o movimento corporal do homem.

Esta procura pelo corpo ideal, segundo Ferreira e Guimarães (2006) está cada vez mais suprimindo a capacidade crítica em detrimento dos padrões corporais determinados. Tornou-se comum a beleza ser adquirida a qualquer preço. Estas autoras falam sobre a dificuldade do ser humano em distinguir o que é normal do que é comum. E, na maioria das vezes o que é comum numa determinada região ou época, não é, necessariamente o normal da espécie humana. Sendo assim, é imprescindível destacar que, apesar desta busca desenfreada pela beleza e pelo corpo ideal mostrar-se comum, não podemos de forma alguma achá-la normal.

Atualmente, os produtos de beleza são chamados cosméticos e criou-se a ilusão de que ao não seguir o padrão estético aceito, a feiúra é somente responsabilidade do indivíduo, o que denota uma negligência da parte deste para com seu corpo. Cada pessoa é responsável pela própria aparência, devendo-se manter sempre belas e jovens. Contrasta-se o fato de se existir tantos meios para se buscar a beleza e o indivíduo escolha continuar feio e fora dos padrões. Episódio este, julgado e condenado (SANT'ANNA, 2001).

A vida, de acordo com os autores Coelho e Fonseca (2007, p.65) passou a ser palco de infinitos investimentos, "de tempo, dinheiro e pré-ocupação". Esta passou a ser o centro das discussões, sendo associada aos comportamentos que se tem. Atualmente, para estes pesquisadores, o biopoder (FOCAULT, 1999) passa por uma função de docilização e controle corporal na busca do padrão estético almejado. A saúde passa a ser objeto de consumo, mostrado e vendido pela mídia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após observar os fatos supracitados, o profissional de Educação Física necessita ter em mente que o indivíduo é ao mesmo tempo produto e produtor da sociedade (MORIN, 1996). Sendo assim devemos ter sempre a visão crítica ao relacionarmos cultura e modelo de corpo ideal vigente em determinada época e atentarmo-nos sempre para o fato de que estamos em constante processo de modificação em relação a nós mesmos, aos outros e a sociedade como um todo. A ideia de beleza ou feiura são fatos sociais e culturais, podendo ser modificado de acordo com a época ou localidade que está sendo observada. Schilder (2004, p.231) afirma que "quando ultrapassamos as fronteiras de nossa cultura, é muito difícil estabelecer padrões de beleza".

Sendo assim, por meio do que foi exposto, cabe a nós profissionais refletirmos sobre as inúmeras relações de poder que podem envolver o tema corpo e suas diferentes manifestações. Devemos ter uma posição crítica diante da ação da mídia, fazendo sempre uso da ética e do bom senso na orientação dos exercícios empregados, tomando o cuidado ao utilizá-los como instrumentos na transformação corporal.

## Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BETTI, M. Educação Física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In: RUBIO, K.; CARVALHO, Y. M. (Orgs.) **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.155-169.
- \_\_\_\_\_. Corpo, cultura, mídias e educação física: novas relações no mundo contemporâneo. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 10, n. 79. dez. 2004.
- COELHO, R. F. J.; SEVERIANO, M. F. V. História dos usos, desusos e usura dos corpos no capitalismo. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, Niterói, v. 19, n. 1, p. 83-100. jan/jun. 2007.
- COELHO, D. M.; FONSECA, T. M. G. As mil saúdes: para quem e além da saúde vigente. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 65-69. maio/ago. 2007.
- COSTA, E. M. B.; VENÂNCIO, S. Atividade Física e Saúde: discursos que controlam o corpo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 59-74. mar. 2004.

- COURTINE, J. J. Os stakhanovistas do narcisismo: *body-building* e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- DAÓLIO, J. A Antropologia Social e a Educação Física: possibilidades de encontro. In: RUBIO, K.; CARVALHO, Y. M. **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 27-38.
- FERNANDES, M. H. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- FERREIRA, M. E.; GUIMARÃES, M. **Educação Inclusiva**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRAGA, A. B. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 61-77.
- GRANDO, J. C. **Sacralização do corpo**: a educação física na formação da força de trabalho. Blumenau: FURB, 1996.
- HANSEN, R.; VAZ, A. F. "Sarados" e "gostasas" entre alguns e outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 133-152. jan/abr. 2006.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LUCAS, L.; HOFF, T. Da ortopedia ao controle do corpo: o discurso da saúde na publicidade. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 81-104. mar. 2006.
- MAUSS, M.; LÉVI-STRAUSS, C. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MORIN, E. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, D. F. (Org.). **Novos Paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45-58.
- ELIAS, N. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p.13-20.
- SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. (org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 3-24.
- SANTANA, I. **Corpo aberto**: Cunningham, dança e novas tecnologias. São Paulo: Educ, 2002.
- SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SILVA, A. M. Corpo e diversidade cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 87-98. set. 2001.
- SILVA, P. N. G.; GOMES, E. S. L. Eternamente Jovem: corpo malhado, ficção televisual e imaginário. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 197-207. maio/ago. 2008.
- SOARES, C. L. **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- VAZ, P. Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 3, n. 6, p.37-61. mar. 2006.

Rua Padre Anchieta, 195/403, São Mateus, Juiz de Fora/ MG – Brasil 36016-440  
32 8839-4225  
lucianafgomes@hotmail.com